

~~520977~~

Nº 5

3788

A GRANDE NOVELLA

L. 36657^a P.



A MORTA ROMÂNTICA
POR
JOÃO GRAVE

A GRANDE NOVELA

Redacção e Administração
Rua da Horta Sêca, 7, 1.^o
TELEF. C. 27

Editor e proprietário
CARLOS D'ORNELAS

Composição e Impressão
Rua da Horta Sêca, 7
LISBOA

Magnifica e cuidada publicação quinzenal

Sae todos os dias 1 e 15 de cada mez

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

— NUMERO AVULSO 1\$00 (1000 REIS) —

6 NUMEROS	6\$00	—
12	11\$50	17\$50
24	22\$50	35\$00

PAPELARIA CAMÕES

DE

Augusto Rodrigues & Brito, L^{da}

42, P. Luiz de Camões, 43 -- LISBOA Tel. C. 1040

*Grande variedade em objectos para escritorio,
livros escolares, estojos para desenho, etc.*

Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

TIPOGRAFIA

RUA DO FERREGIAL, 12 A 20



SILVA, SANTOS L^{DA}
RUA DO CARMO 90-2^o
Salão Aguiar
CHAPEUS
PARÁ
SENHORAS E CRIANÇAS

Feltros, guarnições de penas e todos os enfeites para chapeus

ANO I

N.º 5

A GRANDE NOVELARedação e Administração
Rua da Hortã Seca, 7, 1.º
TELEF. C. 27Editor e Proprietário
CARLOS DORNELASComposição e Impressão
Rua da Hortã Seca, 7, 1.º
LISBOAN.º 24250
Morta Romantica

L. 36657 - P.



— Quem morreu, pergunta? Foi Angélica, uma pobre e dolorosa rapariga predestinada para o sofrimento e que, de tôdas as riquezas do mundo, apenas teve a das suas lagrimas. Há de lembrar-se ainda dela, certamente. A claridade da beleza que a inundava extinguiu-se apenas ha quarenta e oito horas!... Não se recorda? Que fraca memória tem! Todavia, a história de Angélica é uma das mais interessantes, sob o ponto de vista emotivo... Se eu conheço essa história? Conheço-a perfeitamente, linha a linha, episodio a episódio, como a conheci a ela...

Coitada! Acaba de enterrar-se.

Venho agora mesmo de pousar-lhe sôbre o caixão, antes dele baixar à campa rasa em que para sempre se sumiu, o mais perfumado, virginal e fresco botão de rosa que encontrei no meu jardim!... Devia esta homenagem à sua pureza...

Angélica foi sepultada por uma tarde bem serena e bem dourada de sol. No cemiterio, o ar era tão doce e tão profundo, que os meus olhos se fecharam de gôzo. E a morta ficou num lindo sitio! Junto do seu coval anónimo, as roseiras, em abril, enroscam-se nos ciprestes como as serpentes no

coração de Lacoonte, e mesmo de inverno, quando cãe neve, as toutinegras que não emigram dão ali serenatas! . . .

Que pena senti por ela!

Ah! mas que o meu acto de piedade o não leve a julgar que nos amámos ou que Angélica fôsse para mim, algum dia, mais do que uma desditosa criatura, a quem só por compaixão se consagra um pouco de affecto desinteressado! . . .

Bem sei! Não acredita. Êsse riso ironico é uma confissão. Não negue! Para quê? Bem vê que não me considero ofendido e que continuo a falar-lhe serenamente.

No nosso tempo tão positivo ou tão egoista, ninguem crê já na ternura dum homem por qualquer mulher de vinte anos que tenha a sua origem na obrigação, na dôr pelos outros, pelos que são humildes e desgraçados. A nossa época é desdenhosa e perversa, sendo o cinismo a sua expressão mais característica. Deantê da imagem tangivel do bem, o que ela procura activamente é o mal . . .

Considere, porém, uma coisa. Angélica não era uma dessas belesas raras que causam deslumbramentos pelo esplendor da radiação. Só os seus olhos eram melancólicos, ingênuos, misteriosos, espelhando não sei que inocência e tendo o negro aveludado e hùmido de certas violetas debaixo da água . . . De resto, nunca experimentei a menor curiosidade de observar se ela era bela ou feia. Perto de Angélica, o meu coração nunca — mas nunca! — bateu mais apressadamente. Juro-lhe que o meu interêsse por essa infeliz rapariga que o amor criou para o infortunio como a muitas outras para a felicidade, foi em todos os momentos inspirado pela mágoa . . .

Não há o menor mériço em tal procedimento da minha parte, está claro. Não sou um santo, mas um impuro pecador, como muitos outros. E a quantas almas sensiveis eu terei

MORTA ROMANTICA

causado tristezas irremediáveis! Mas, à de Angélica, não! Pelo menos, jamais tive êsse intuito...

Ela morreu. Já nada quere dos dramas ou das comédias da vida: — e eu, sem a melindrar, sem a fazer córar de pudor ferido, posso referir-lhe uma particularidade que a define com nitidez.

Ei-la: Quando, certo dia, lhe chegou aos ouvidos o boato malévolos de que era minha amante — veja que a suspeita em que há pouco me envolveu é muito antiga! — Angélica procurou-me com a vista toldada de pranto e a garganta cheia dos ansiados soluços que lhe subiam do peito, murmurando:

— O que dizem de mim!... Que injustiça tamanha, pois não é verdade?... Bem sabe que me não ama... E contudo!...

Declaro-lhe que me pareceu adivinhar, nestas lamentações a saúde infinita duma adoração ardentemente ambicionada e idealizada e que, apesar disso, nunca dera flor no coração de Angélica. Cheguei mesmo a crer, nesse instante, que, por uma tal adoração, que tocava de graça tôda a sua vida, como rosa que desabrocha numa jarra de cristal e a cobre de aroma e côr, Angélica daria, sem hesitações e sem remorsos, a sua virtude sem mácula, a nobreza da sua reputação, a castidade do seu corpo, a sua própria vida...

Não se ria dessa forma! Digo-lhe a verdade! Poucas vezes tenho sido tão sincero como agora. Para certas organizações femininas exaltadamente afectivas, só há na existência uma unica hora transcendente e digna de viver-se, que é a do amor. E Angélica era uma das organizações de que falo. Apesar disso, ninguém reparava nela... Oh! se reparassem! De que loucuras e heroismos Angélica daria provas! Porque, quando se ama intensamente, não se pensa nas coisas que



Poucas vezes tenho sido tão sincero como agora

ficam para além, muito para além, do coração, seja n'elas humanas ou divinas... Pois, não é assim?

E olhe que tôlas as mulheres são capazes de tal desvairamento sublime, ou puras como os mármore nitentes em que estão gravadas as estrofes dum cântico religioso ou mais arrastadas do que a lama das ruas!...

Não concorda? Está no seu direito. E talvez até que a experiência lhe tenha dado razões para êsse pessimismo...

O que é certo, no entanto, é que a solidude e o desamparo em que Angélica viveu a tornaram concentrada, levando-a a afastar-se mais dos outros, para melhor se isolar com as suas aspirações e o seu sonho...

Estou, talvez, a enfastiá-lo com a narrativa dum caso a que falta o encanto da acção!...

Para que hei-de continuá-lo? Acabemo-lo, tanto mais que o facto essencial é que Angélica jaz numa cova muito funda, na comunhão sombria dos bichos e das raízes que já, de certo, começaram a devorá-la com suas bôcas terríveis...

O quê? Não se enfastia? Quere, então, saber tudo? Pois bem! Ouça... Angélica ficou orfã de pái aos dois anos — e a mãe que tinha uma pequena casa de comércio, morreu duma demorada e angustiosa enfermidade, deixando-a na maior pobreza, porque o estabelecimento, vendido ao desbarate, mal deu para pagar os crédores e a conta do entêrro. Isto é banal, mas é tambem lugubre, não acha? Medite nesta particularidade: — uma rapariga em plena adolescência, com uma certa cultura e uma intelligência que lhe afinavam a faculdade de sentir, absolutamente entregue a si mesma, sem protecções que a defendessem e aconselhassem, obrigada a ganhar por suas mãos — que não estavam costumadas aos trabalhos rudes e violentos — o pão para a bôca!... Enquanto a doente es-

teve no leito, consumindo-se lentamente na febre duma tuberculose que a exauria de tôda a seiva e a exgotava de tôda a vitalidade, Angélica sentou-se-lhe à cabeceira e foi duma dedicação incomparável. Não a abandonava um só instante, de noite ou de dia, enxugava-lhe piedosamente os cabelos que as bagadas de suor lhe empastavam na testa, sustinha-lhe com brandura a cabeça — que a aproximação da morte tornava mais pezada — nos seus braços debeis, quando a tosse sufocava a dolorosa tísica, abalando-lhe o organismo enfraquecido, extenuando-a, fazendo-lhe arquejar a peito magro e exangue, ministrava-lhe cuidadosamente os remédios e o alimento, consolando-a nas suas crises e nas suas horas de maior crueldade .. Não seria mais veneravel uma irmã da caridade que se devotasse aos que sofrem para conquistar as alegrias do céu, de que S. Bruno tinha tantas saúdades!...

A's vezes, nos momentos de mais serenidade, a doente, fitando na filha uns olhos absorventes de luz e em que se reflectia, com o reconhecimento, uma pena imensa, exclamava, numa vóz abafada de chôro:

— O que mais me custa é deixar-te só e tão pobrezinha que nem uma sêde de água terás!...

Angélica, entalada de soluços e fazendo esforços enormes para conter as lágrimas represadas, acudia:

— Ora vejam em que está a pensar!

Se eu lhe afirmo que se cura!... Ainda ontem o médico!...

Oh! a doce, a santificada mentira!

O clínico dizia-lhe, precisamente, todos os dias, que nada havia a esperar — e com uma ausência de sensibilidade, uma frieza de quem lida muito com a morte: mas Angélica, es-

condendo a verdade e sorrindo, iludia a moribunda, alimentando-lhe o sôpro da existência, prestes a extinguir-se.

Quando não tinha forças para simular por mais tempo, Angélica, escondia-se da mãe e carpia-se . . .

Ah! poucas mulheres como esta tenho conhecido, dotadas de maior espirito de sacrificio! . . . E todavia, como o Destino é extranho e misterioso!

Tendo nascido para devotar-se, para amar, jámais o amor parou por instantes perto dela, curvando-se-lhe, risonhamente, sôbre a frente em que a revoada dos sonhos côr de rosa batia as invisíveis azas de luz, para murmurar-lhe ao ouvido as suaves confidências inolvidaveis . . .

O que? Diz-me que Angélica devia proceder assim para com sua mãe doente? . . . Decerto! Sei-o perfeitamente. Mas nem por isso deixava de revelar uma belesa moral que fazia enflorar paraizos de ternura no seu coração! Repare, além disso, em que essa rapariga admiravel, que passou no mundo sempre incompreendida, sentia um gôzo íntimo em dedicar-se aos outros.

Nada me impedirá, neste momento, de fazer afirmações que tanto melíndrariam a sua candura e a sua ingenuidade, porque, como acabo de dizer-lhe, Angélica morreu, dorme numa álgida e funda cova e eu mesmo lhe atirei, há pouco, um punhado de terra sôbre as quatro táboas do caixão forrado de branco. Nenhum escrupulo me forçaria hoje a guardar silencio, tanto mais que na vida que há horas apenas se apagou não existem impurezas . . .

Sim! Sim! Suspeito o que quere dizer-me! Na realidade, eu divago talvez demasiadamente, e isto fatiga os que não teem, como eu, uma grande, transfiguradora admiração por essa rapariga humilde. Preveni-o, em todo o caso, de que

na história ha, de Angélica via mais belesa extatica do que acção . . . Não é isto ?

Sempre deseja que continue a narrativa ? Pois bem, continuarei. E conceda-me que eu divague á vontade. E' o meu feitio, o meu temperamento. Há em mim qualquer coisa de desordenado, de anormal. Nunca consegui confinar-me dentro do espaço muito limitado dum metodo e nunca me submeti a uma disciplina. Sou assim. Desculpa-me, não é verdade? . . .

Ah! mas eu esqueço o meu assunto essencial. E' muito justa a sua observação. Voltemos a Angélica . . .

A primeira noite em que se viu só na sua casa cheia de sombra e de solidão, a pobre rapariga rompeu um chôro angustiado, dobrada sôbre si mesma e enclavinando os dedos brancos e nervosos, que ainda tremiam, nos longos cabelos desalinhados. Na sua dôr — como ela me contou mais tarde — teve ainda a lucidez necessária para verificar que para as criaturas a quem o sofrimento afinou a sensibilidade basta muitas vezes a coisa mais insignificante para as contentar na sua humildade, purificando-as pela resignação . . . A mãe de Angélica, durante tôda a sua enfermidade, nada mais era do que um misero corpo mirrado, fazendo um pequeno volume sob as roupas do leito, um feixe de ossos coberto por uma pele engelhada e livida — uma pele que não era, decerto, o mimo de seda e de delicadeza que a terra afagaria com a sua bôca voluptuosa e de hálito letal. Tôda a energia da doente parecia concentrar-se-lhe nos olhos, que dardejavam dum brilho de febre e que com tanta insistencia procuravam os de Angélica, como se quizessem ler neles uma boa nova ou uma sentença terrivel. A física mal respirava:—e nõ entanto, a sua débil e ansiada respiração dir-se-ia animar a vivenda inteira, do

soalho ao tecto, como a luz duma candeia, minúscula abelha de ouro e de claridade que apesar disso alumia imensidades! A morrer mesmo, a doente ainda parecia comunicar uma alma à habitação e um sentimento a tudo quanto nela se encontrava—ainda ao que era inerte! E até essa aflitiva companhia faltara, de repente, a Angélica! . . . Por isso é que ela se lamentava tão doridamente que, sempre que a surpreendia nos seus queixumes, me custava a reprimir a própria emoção . . .

Porquê? Singular pergunta a sua! Porque, naturalmente, é sempre doloroso ver sofrer alguém, embora alheio ao nosso affecto, quanto mais uma criatura que se conhece e se estima! . . .

Depois, nas lamentações de Angélica, havia uma eloquência de tal ordem, tanta razão e uma tão justificada revolta contra a aspereza do Destino, sempre enigmatico e inexoravel, que eu torturava-me, só por não poder acudir-lhe e reparar a clamorosa injustiça . . .

Mas, esta revolta de Angélica foi transitória. Volvidos poucos mezes sobre o falecimento da mãe, ela conformou-se com o seu desamparo, exclamando a cada momento, com uma convicção e uma sinceridade que me desorientavam:

— A sorte que me castiga assim, é porque eu sou merecedora disso. Quem sabe que pecados andarei a expiar neste mundo?

Pobre dela! Nunca tinha sabido o que fôsse alegria de viver, bem-estar, felicidade; jámais trouxera a abrir na alma a flor eterna duma adoração humana, contava vinte anos, nenhum pensamento impuro havia envenenado as suas aspirações, os seus desejos eram duma candidez que, postos sobre as brancas aras dos altares, não lhes maculariam a alvura, e

contudo, julgava-se uma pecadora ou, pelo menos, uma escolhida para a expiação de pecados que não cometera! Era a alucinação mística. A desgraça produz êstes desvairamentos . . .

Angélica não tinha mais ninguém à sua volta: se adoecesse, não haveria quem lhe refrescasse a bôca com um gole de água; trabalhava para viver; e a sua mocidade em flor desbotava rapidamente, crestada pelo fogo das lágrimas . . .

Que diz? Que isto é uma novela romântica à moda de Camille? Que estou compondo, pela imaginação, um conto de sentimentalismo atroz em que uma infeliz mulher deslisa, com a sua belesa e a sua graça, para encantar as almas tristes, como uma visão celeste que esvoaçasse sobre os espinhais, com um lírio na mão e perfumando tudo à sua volta? Que idea a sua! E, sobretudo, que ironia! . . . Bem sei a que ponto pretende chegar. Oh! eu surpreendo lhe as intenções nos gestos mais vagos e inexpressivos . . . E' ainda um sarcasmo. A virtude e a formosura ocultam-se na sua cabana solitaria, á espera do príncipe que surgirá de súbito em certa alvorada. Então, tudo se transmudará repentinamente, ouvindo-se o lirico arrulhar dos beijos e os festivos epitalamios das bodas . . .

Era nisto que estava a pensar . . . Não era? Para que há de negar? . . .

Afirmo-lhe, no entanto que se tivesse formulado êste seu pensamento em palavras sardonicas cometeria, além d'uma iniquidade, uma verdadeira maldade que mais tarde causaria remorsos à sua equitativa consciência. Eujá lhe disse que, apezar de ser linda e de ter a divina graça de tôdas as mulheres na mocidade, Angélica não era um desses tipos de beleza que passam soberanamente, por entre fileiras de admiradores submissos, enlanguecendo-os . . . Foi sempre, para mais, uma

criatura tímida, recolhida, procurando, de preferência, a sombra para mais se apagar, para não dar nas vistas, para se não revelar. Tôda a ousadia, todo o barulho, tôda a estridência, a assustavam. Não tinha coragem para sustentar com fixidez, resolutamente, tanto o olhar sarcástico ou admirativo dum homem como o duma criança, porque temia praticar um acto censuravel ou uma inconveniência que justificass e outras!

¶ Não compreende, por tudo isto, como eu a conheci e como entabolei com ela relações íntimas e fraternas?... O reparo admite-se, decerto, mas deixará de subsistir quando eu a informar de que eramos vizinhos e que todos os dias nos encontravamos. A modesta habitação de Angélica ficava junto da minha, como se procurasse uma proteção segura. E desde pequenita que Angélica entrava na nossa casa, onde era sempre bem acolhida por minha mãe e minhas irmãs... Note a sinceridade desta narrativa e a pureza da alma de Angélica, desde que eu não hesito em associar à sua dorida memória as senhoras da minha família...

¶ Quando ficou só, passou a freqüentar a minha morada com mais assiduidade. Com uma infinita pena dela, minha mãe, que foi uma santa, chamava-a, dava-lhe trabalho — que era uma piedosa e engenhosa maneira de lhe fazer bem, sem a humilhar — ensinava os outros a estimá-la. De sorte que eu via Angélica diariamente, nos corredores ou nas salas de casarão imenso e nunca me esquecia de saudá-la cortezmente, o que fazia com que ela baixasse os olhos, enleada, torcendo nervosamente, na ponta dos dedos, o lenço que quasi sempre trazia nas mãos. Com o andar do tempo, a timidez dissipou-se, estabeleceu-se entre nós uma certa intimidade que me encantava porque bem sabe que nunca fui orgulhoso apesar de

ser filho de pais ricos e vaidosos das suas arvores de costado. As grandezas e os esplendores do armorial não me afastaram jamais do convívio das pessoas simples e das multidões deserdadas, preferindo-as mesmo, em muitos casos, às outras classes...

Pergunta-me a razão desta preferência? A resposta é fácil! E' que as plebes sofredoras, apesar de violências que se justificam, parecem-me mais abertas, mais francas, dotadas de maior lealdade, do que as aristocracias ou as burguezias. E são, incontestavelmente, mais originais e, portanto, mais atraentes... Não concorda? Esta bem. Mas, não nos emaranhemos em discussões calorosas àcerca disso. Para quê?... Vejo que não estou aqui para controversias ruidosas mas para contar-lhe a história duma rapariga que, sendo digna da felicidade, não foi, todavia, feliz...

Angélica que pertencia a essa legião comovedora dos humildes, parecia-me desejar um bem que não alcançaria nunca, parecia-me sofrer, e isto enternecia-me. Aproximei-me dela, só por isto, um pouco mais, e logo a intriga começou a tecer a sua teia malévola... E' claro, eu estava nos meus vinte e quatro anos, concluíra o meu curso, tinha fama de namorado a que se não resiste, pelo prestígio da juventude, do nome, da fortuna. Por sua parte, Angélica ianos vinte, estava na sua plena manhã primaveril.

Viam-nos, muitas vezes, sentados no mesmo banco do jardim, conversando perto do mesmo alegrete de cravos brancos e rajados.

Era natural que isto se extranhasse, sobretudo numa sociedade que, deparando um homem e uma mulher a palestrar logo julga estar na presença de Paulo e Francesca, naquela hora fatal em que liam ambos o mesmo livro e em que, ao

chegarem a certa página de amor, tão perturbados ficaram, que não conseguiram ler mais em todo o dia!...

Ri? Contudo, não ousará negar a veracidade das minhas palavras. O mundo é péssimo, e creio que nunca foi melhor!

Uma vez por outra, certas insinuações abomináveis chegavam aos ouvidos de Angélica, uma vida heróica lutando com desespêro para ultrapassar os limites marcados pelo Destino á sua existência.

Quando me contava essas insinuações, mirava-me com olhos de infinita doçura, em que havia um não sei quê de mistério que jamais penetrei, quasi até ao fim de seu Calvário, a flor duma ansiedade que me perturbava sem eu saber porquê.

Julgava, nesses momentos, que os olhos imensos, melancolicos, interrogativos de Angélica revelavam muito menos do que aquilo que escondiam. E também observei que, se a voz de Angélica tremia, ao queixar-se-me da dureza dos outros, no seu rosto se espelhavam uma placidez ou uma alegria que me desconcertavam! Cheguei até a suspeitar — sem que todavia desse corpo e forma a tais suspeitas, tão monstruosas me pareciam — que Angélica estimaria que os dizeres venenosos fôssem verdadeiros!... Mas, imediatamente me arrendia de pensar assim, se a contemplava mais demoradamente, encantando os olhos na sua candura, na sua resplandecente inocência, na sua graça de flor nova. E sentia então que, quando se encontram ao lado dum coração puro, as almas sensiveis e delicados teem um grande necessidade de ternura!... A impressão desagradavel manteve-se, por algum tempo, obstinadamente, no meu espirito, por mais que eu tentasse baní-la: — e foi até sob a sua influência que eu comecei a evitar a desditos a rapariga... Porquê, Deus do ceu?

Que mal me fazia ela? Nenhum, aí está!... Se, na realidade, me fizesse algum mal, com que intensidade eu a adoraria, talvez!... E atente na delicadeza da Angélica. A minha frieza repentina e inexplicavel deveria tê-la ferido rudemente. No entanto, a sua bôca não se abriu para uma lamentação, para uma amargura, e continuou a sorrir-me, de longe, com a mesma paz e a mesma celeste gracilidade! O seu olhar não reprendia, embora a tristeza o amortecesse: — abençoava ainda... Quando recorro isto, o remorso scbressalfa-me...

Está bem... Não se impaciente... Diz-me, desdenhosamente, que não sabe onde esteja o interêsse de que lhe falei, nesta história!?

Até aqui, a vida de Angélica é vulgar, nada tem de extraordinario, de intensamente emotivo.

Mas, eu ainda não cheguei ao fim.

Pode acontecer, de resto, que para o seu sentimento, seja trivial o que para mim é duma elevação e duma grandeza exceptionaes, como nuança affectiva e como lealdade. Mas, agora há de ouvir-me. Serei rapido...

Escute: — tive, certo dia, de sair de casa para uma viagem em que me demorei dois mezes. Na alegria e na impaciência da partida, nem sequer me despedi de Angélica. Só agora sei que isto a devia ter melindrado amargamente, fazendo-lhe chorar, no silêncio da sua casa que ninguem procurava, essas lâgrimas que, na expressão admiravel dum poeta, veem de muito mais longe do que dos olhos, porque saem dos misterios eternos da alma. Como a passara a encontrar poucas vezes, ia-a esquecendo a pouco e pouco. Quando regressei, já nem me lembrava dela: — e foi preciso que me apparecesse, pálida, mais triste, talvez mordida pelo mal de que havia de morrer, que eu de súbito tornei a recor-

dar, mas sem um grande interêsse, devo confessá lo... Parece-lhe isto insuportavelmente romântico, não é verdade?

Todavia, estou a reconstituir um caso vivido. A existência tem destas singularidades... Não imagine, contudo, que Angélica procurou de qualquer forma atravessar-se no meu caminho, para que eu a visse. De modo algum! A pobre rapariga tinha o orgulho que nascia da sua dignidade. Cruzou-se comigo naturalmente, certa manhã em que foi a minha casa para tomar conta dum trabalho.

Sorriu com a amabilidade de sempre, falou-me, com a afabilidade costumada, em coisas vulgares e que nem sequer me ficaram na memória. Só à despedida, quando eu, gracejando, lhe perguntei se já tinha noivo e se o seu casamento se celebraria brevemente, observei que ela se fazia, de repente, muito séria, murchando o riso no vermelho cravo da sua bôca, e exclamando com custo e em palavras gaguejadas:

— Para que quer saber isso?

— Para lhe dar a prenda prometida — respondi prontamente.

As suas palpebras cerraram-se, por um momento e, depois duma curta pausa, Angélica, subindo a escadaria, disse:

— Esteja descançado que hei de informá-lo a tempo. A sua prenda é que eu não desejo perder, de maneira alguma...

Este incidente aproximou-nos, de novo, da confiança um do outro: e, sempre que Angélica surgia deante de mim, eu não deixava de insistir:

— E esse namôro?...

Era uma inofensiva maneira de chalicear com uma rapariga na primavera dos anos — porque a mocidade só pensa no amor. No entanto, Angélica parecia não gostar da pergunta. E não gostava, com efeito! Mas, só muito tarde eu

tive a certeza disso e conheci o motivo do seu desgosto... Muitas vezes, amuava, não dizia nada, partia visivelmente contrariada e empregando grandes esforços para simular o seu mau humor, porque era duma perfeita delicadeza de maneiras; outras, porém, corava muito, os seus olhos fulguravam dum brilho mais vivo, e eu sentia a impressão de que ela tinha, na realidade, um segrêdo para revelar-me. Por isso mesmo, redobrava de impertinência... Que a sua alma imaculada me perdõe! Nunca eu pensei que lhe causasse tanto sofrimento!...

Uma tarde, tôdas as obscuridades dêste pequenino drama que lhe estou narrando se dissiparam. Não olvidei ainda nenhum dos pormenores da scena — que tenho bem presente no meu espírito — tanto ela me perturbou. — Havia uma ruïdosa multidão nas ruas que um sol glorioso iluminava. Era a um domingo.

No ar fino e penetrante, os menores rumores adquiriam uma prolongada vibração. Angélica, que estava por essa época, em minha casa, fazendo uns trabalhos de costura, desceira um momento ao jardim, onde eu andava a tratar de umas roseiras. Ouvindo passos ligeiros rangendo na areia dos aruamentos, levantei a cabeça: e, vendo Angélica, de novo inquiri, banalmente:

— E êsse consórcio?...

Era a insistência futil de quem nada mais tinha para dizer a uma criatura de coração apaixonado que, certamente, talvez esperasse ouvir da minha parte palavras menos frivolas. Angélica, parando à beira dum canteiro de tulipas em flor, fitou-me demoradamente — e eu, contemplando-a nesse momento, vi com nitidez que um sentimento extranho, decerto o do amor, tinha entrado, como um cego, na sua alma!

Há certos instantes em que os seres conscientes sabem tudo e se confessam inteiramente, sem precisarem de bolir com os lábios: — e era num desses instantes que se encontrava Angelica.

— Que tem para dizer-me? — exclamei eu, querendo acabar com uma situação que me sobressaltava.

— Uma coisa importante! — replicou Angélica, tão branca, tão falta de côr que eu temi um desmaio.

Aproximou-se mais, sem duvida para comunicar-me o seu grêdo numa vóz tão baixa que ninguem mais a ouviria, a não ser eu, e repetiu:

— Uma coisa importante.

— Mas, o quê?

— E' que, efetivamente, há um homem que me ama... Parece-lhe impossivel!... Mas é verdade. Bem sabe que eu não minto. Mentir para quê?...

O sangue refluiu-lhe ao rosto, e falava apressadamente, numa exaltação de quem quizesse evadir-se, com rapidez, duma tortura insuportavel. Eu, acendendo um cigarro, aten dia-a-sem a interromper: e Angelica, vencendo a vergonha de que aquela confissão a invadia, continuava:

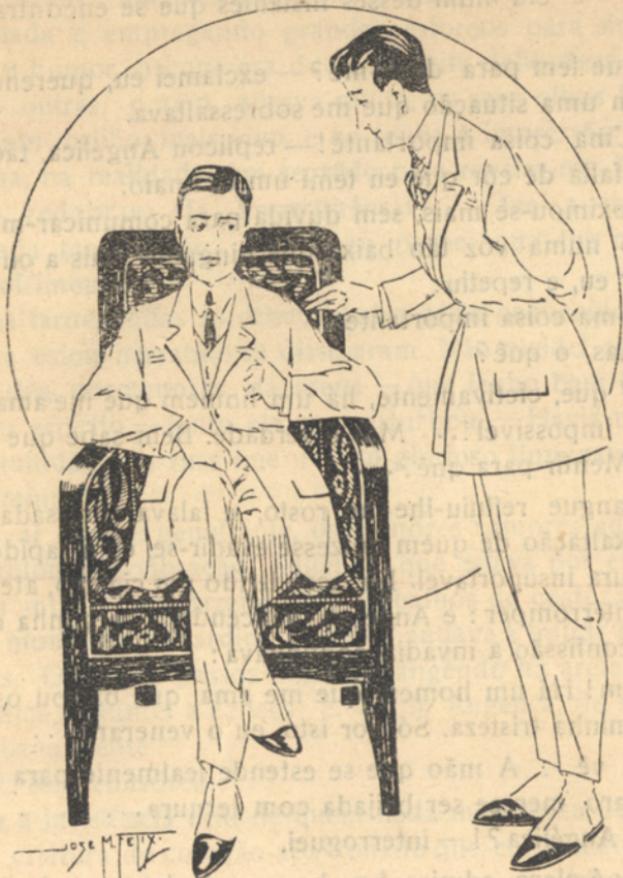
— Sim! Há um homem que me ama, que baixou os olhos para a minha tristeza. Só por isto, eu o veneraria...

Bem vê... A mão que se estende lealmente para todo o desamparo, merece ser beijada com ternura...

— E Angélica?! — interroguei.

— Eu é claro, admiro êsse homem, tenho vontade de ajoelhar deante dêle.

Quando me apareceu esta adoração tão sincera estava ao alcance da dôr: e agora!... Agora, chego a crer que estou



Atendia-a sem a interromper

muito longe dela! Depois da morte de minha mãe, não tive maior affecto à minha volta.

— E elle é sincero!...

— Tem uma ambição unica: — a de ser meu marido. Ha semanas que vivemos nesta luta... Que me aconselha?

— Aconselho-a a que aceite!...

— Que me case?...

— Sim!... Que se case!...

Sorriu doloridamente e disse, em palavras espaçadas:

— Tenho a certeza de que, se casar com este homem — o melhor dos homens! — serei absolutamente feliz. O problema do meu destino, ficará resolvido por completo.

— Ai esta! — bradei eu.

— E, contudo, decidi não casar, repelir, sem orgulho, mas com firmeza, esta generosa oferta... Porquê? Por honestidade.

— Ora essa! — atalhei, aturdido.

— Sim — bradou ella — por honestidade.

Eu não quero enganar quem, tão confiadamente, acreditou em mim, oferecendo-me tôda a sua vida e todo o seu futuro. Oh! seria uma traição: e os espíritos desta elevação moral não devem ser atraíçoados...

— Uma traição! Quantas palavras inuteis e irrefletidas.

— Uma traição, certamente. E quer saber porque?... Por isto: — é que amo, que amei sempre, um outro homem!...

Esta afirmação, que me surpreendeu, foi feita num grito que Angélica não conseguiu sufocar.

— Ama outro homem? — disse eu.

— Amo! E este amor que me faz sofrer não o maldigo porque me deu a conhecer infinitas doçuras. Procurei, entretanto, libertar-me dele, mas em vão...

—E quem é êsse homem?

—Ah! não queira sabê-lo. Não lho posso dizer. Apenas lhe digo que êle não sabe que é ardentemente amado por mim e que eu nunca teria a coragem de revelar-lhe êste amor!... E' por isso que não me caso!... Não devo fazê-lo.. E no entanto, não viria eu a adorar a criatura admiravel que me quere? ..

Peguei-lhe na mão, que a pobre Angélica não retirou, e que tremia entre as minhas; uma grande comoção apodera-va-se de mim; não encontrava vocabulos com que pudesse exprimir claramente as minhas ideias.

Recordo-me, porém, de lhe ter asseverado que devia casar e que os seus escrúpulos eram pueris. Angélica, er- guendo impetuosamente a cabeça, que uma bela, energica decisão animava, acudiu, com desespero:

— Não me fale assim!... Todos os homens podem dar-me tal conselho, menos o senhor...

E, escondendo o rosto nas mãos, fugiu, numa alucinação, através do jardim em flor, chorando perdidamente...

Compreendi tudo, e a minha comoção foi enorme. Nunca mais pude tornar a ver Angélica. Saiu de sua casa na noite dêsse mesmo domingo sem dizer para onde ia, e só voltou, dias antes de morrer!...

Aqui tem o drama de Angélica. Uma romantica? Incontestavelmente! Mas um coração raro, uma verdadeira flor humana! E' provavel que a êste drama falte intensidade e movimento. Não direi o contrário...

Todavia, eu apenas quis contar-lhe o história sublime de Angélica—a história da sua alma, do seu sonho, da sua dôr, da sua ternura, que é a que eu considero superior... Talvez esteja em êrro:—mas eu venho do cemiterio, pousei um fres-

MORTA ROMANTICA

co botão de rosa sobre o caixão de Angélica, no minuto em que êle baixava à sepultura, convivi com a morta encantadora, nos primeiros momentos da sua vida extra-terrestre: — e quando se está ao lado da morte, as sensibilidades como a minha, tem uma grande necessidade de beleza espiritual...

Eis tudo quanto àcerca de Angélica tinha a dizer-lhe...

Não! Não é tudo! Espere... Agora, que ela já não é mais do que uma forma vaga na minha saúde, começo a ama-la exaltadamente! Como o coração humano é estranho!...

Pôrto, Janeiro de 1924.

JOÃO GRAVE

Portunaria Elite

J. COSTA, L^{da}

Sempre as ultimas novidades
em portunaria artigos de beleza
e bijouterias

Tel. C. 1143

MANUOURE PARA SENHORAS

rua do Calabar, n. 19

LISBOA

(Palacio Asimovis)

ALIANÇA

A melhor marca de :

Bolachas

Biscoitos

Ghocolates

Confeitaria

Assucares

Massas

Pão

Sociedade Industrial Aliança

LISBOA

PORTO

NOTA ELEGANTE

O paço ruge - ruge d'uma mulher atrae-nos,

—≡≡ o seu olhar acolhe-nos, ≡≡—

mas o seu pesinho bem calçado, seduz-nos!

Sapataria «O MODELO DE PARIS»

R. do Loreto, 19

Telefone 2.885 C.

Perfumaria Elite

J. COSTA, L.^{da}

**Sempre as ultimas novidades
em perfumes artigos de beleza
e bijouterias**

MANUCURE PARA SENHORAS

Tel. C. 1143

Largo do Calhariz, n.º 18

(Palacio Azambuja)

LISBAO

NÃO OFERECE DISCUSSÃO

Que os mais lindos tecidos
Os de maior duração

Os de melhor qualidade
Os mais baratos

São vendidos pelo fabricante da Covilhã

Jayme Pintasílgo

Um optimo fato, um lindo vestido, censegue-se facilmente visitando o deposit^o

PORTO

14, Rua da Cancela Velha, 1.º

Ou pedindo amostras directamente ao fabricante

Ferro & Cunha, L.^{da}

Grande sortimento em artigos
de utilidade domestica

Fogões, esmaltes, talheres, etc., dos melhores
fabricantes alemães

28 - Rua dos Retrozeiros - 30

LISBOA

MEIAS

Camisaria Modelo

A casa que maior
sortido tem

e a que mais barato
vende

Rua do Ouro, 117

**Secções de luvaria, gravataria
e chapelaria**



Cigarros e charutos

**DE TODAS
AS QUALIDADES**

VISITE V. EX.^A A

TABACARIA AMERICANA, L.^{DA}

RUA GARRETT, 44

TELEFONE C. 4327

LISBOA



A PROSPERIDADE

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo

Execução rápida

Preços modicos

Francisco Augusto Prosper

Rua do Norte, 28-1.º

Lisboa

Onde melhor se come em Lisboa

é no ANTIGO RESTAURANT

Frade

Rua da Morta Secca, 34-38

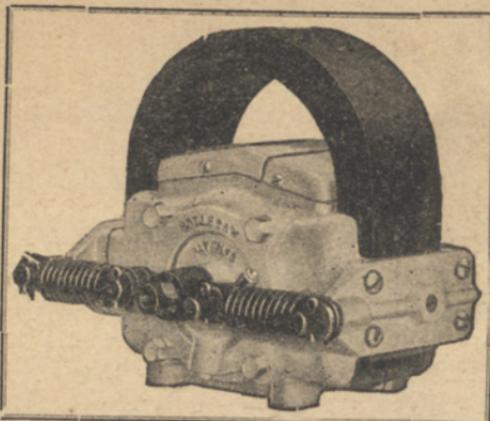
(Ao Camões)

Nova gerencia de

Alexandre Rosado

TOSEANO & C.^a, L.^{da}

Rua de São Paulo, 117—LISBOA



Maquinas, motores,
tractores, bombas, tu-
bos e accessorios
charruas, ceifeiras
e debulhadoras

—
**Importação
directa**



As vanta-
gens
resultam
quando
se faz uso
da
maquina
TORPEDO

Agentes no sul do Paiz:

J. Anão & C.^a, L.^{da}

R. dos Fanqueiros, 376, 2.^o

Telephone n.º 3536



Infeliz! Não te foi dado experimentar as
delícias de uma

Gillette

AGENCIA GERAL EM PORTUGAL E COLONIAS: JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª L.ª
RUA DA CONCEIÇÃO 75, 1.ª - TEL. 948 C. LISBOA
SUB-AGENCIA NO PORTO: PACHECO, BARROS & C.ª
176, RUA FORMOSA, TEL. 1566, PORTO